

a *O Narelia*, e > *Serante*; e provavelmente o *Cabarcus* d'esta inscrição, tão simétrico com o *Seurus* ou *Seurra* dos textos de Felgar e de Felgueiras, é também um nome étnico, posto que não o conheçamos de outra fonte.

Vê-se que a Epigrafia, com os seus inesperados descobrimentos, é manancial inexgotável onde bebe a História e a Etnologia. Quem nos diria que na lage do adro de Felgueiras, constantemente pisada pelos sapatões dos paroquianos que frequentam a igreja, se ocultavam tão curiosas notícias como as que ficam indicadas, e de cujo exame ainda puderam tirar-se deducções que as ampliaram?

FLAVS
AVLEDI · F ·
CABARC
VS · O · BERI
SO · AN ·
XV · H · S · E

J. L. DE V.

Ara inédita de Trebaruna

No vol. I, n.º 9, do *Archeologo Português*, de Setembro de 1895, e na sua obra *Religiões da Lusitania*, II, pp. 298 a 302, o D.^{or} José Leite de Vasconcelos tornou conhecida dos arqueólogos uma nova divindade lusitana, Trebaruna, cujo nome appareceu, pela primeira vez, numa ara, encontrada no Fundão.

Já antes tinha publicado uma pequena notícia nas *Novidades*, de 24 de Novembro de 1892, e um opúsculo, *Trebaruna (deusa lusitana), ode heroica*.

Acêrca dos attributos desta deusa, por consulta feita por êle ao distinto celtista H. d'Arbois de Jubainville, obteve a seguinte resposta: «Quant à votre déesse Trebaruna, son nom semble bien devoir s'expliquer par une langue celtique. Il faudrait corriger Treboruna. TREBO signifie «maison» (Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, p. 137, e RUNA «secret», *ibid.*, 236). Treboruna voudrait donc dire: «secret de la maison».

Seria pois a nova deusa um *penate*, um *génio doméstico*, protector da casa onde estava, como diz o D.^{or} Leite de Vasconcelos (*Religiões*, p. 301).

Nunca mais appareceu ara alguma desta deusa, até que, no corrente anno, tive a boa fortuna de adquirir e estudar a segunda ara de Trebaruna.

O precioso monumento, cuja descrição e gravuras ofereço hoje aos leitores do *Archeologo Português*, foi visto por mim, há anos, na Lardosa, na quinta de Alverca, do meu prezado amigo, Jacinto António Boavida dos Santos.

Não pude na ocasião, por falta de tempo, de luz, e por já ser tarde, examinar bem a ara. Demais, o tom escuro uniforme da pedra e o musgo que a recobria não me deixaram ver os caracteres, e nem sequer suspeitei da enorme importância que ela tinha.

Às minhas perguntas sôbre a origem da ara, aquele senhor respondeu que há muito tempo a sua família a tinha à beira do tanque

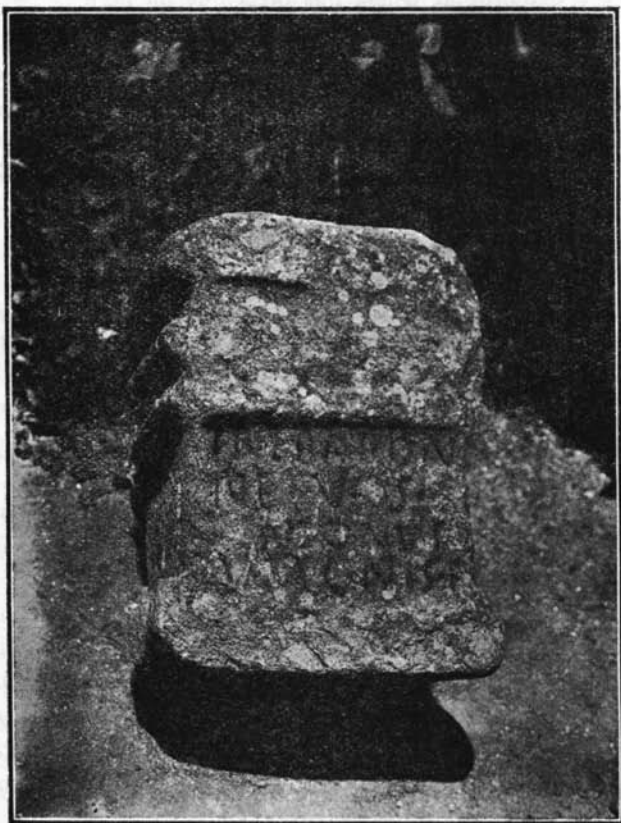


Fig. 1

da quinta, não me podendo elucidar sôbre o seu aparecimento, mas que era natural que tivesse sido achada na Lardosa, naquele mesmo local.

Passaram-se vários anos, e, como consequência feliz dos modestos artigos que, sôbre Arqueologia, tenho publicado no jornal local, *Terra da Beira*, onde tenho pedido, instantemente, aos leitores que me ajudem a salvar muitas cousas, de interêsse arqueológico, que aparecem e são destruídas ou abandonadas pelos trabalhadores ru-

rais, sem ninguém as estudar, o Ex.^{mo} S.^{or} Boavida dos Santos, com uma gentileza digna do maior louvor, ofereceu-me a ara.

Não foi muito fácil a sua leitura. Os caracteres da 1.^a linha ainda se lêem com relativa facilidade, mas, nas outras a gravura não é tam funda e, como já disse, o tom uniformemente escuro do granito não deixa ver as letras.

Ocorreu-me, depois de várias tentativas, a idea de cobrir a superficie da pedra com pó de carvão, que pode ser substituído, com vantagem, por outro pó escuro, e depois, com uma fôlha de papelão, tirar lentamente o pó em excesso, de maneira que ficasse na pedra só o que se tinha depositado nos sulcos, pouco aparentes já, dos caracteres.

O resultado foi maravilhoso, e não tive senão o trabalho de lhe dar uma inclinação conveniente para a fotografar.

Aí fica a receita, que vale muitas vezes mais que o exame pelo tacto ou com o auxílio de uma lâmpada eléctrica.

*

A ara é um pesado bloco de granito, com as seguintes dimensões: altura, 0^m,53; largura em cima, 0^m,40 e em baixo, onde está a inscrição, 0^m,33. A espessura é de 0^m,33. As letras têm, em média, 0^m,03 de comprimento e de largura quasi 0^m,03. Fig. 1.

Na parte superior não há *foculus*, mas é perfeitamente visível um rectângulo com 0^m,30 de comprimento e 0^m,19 de largura, rectângulo que talvez servisse para nele assentar qualquer estátua da deusa.

Na parte de trás, como se pode ver pela gravura, fig. 2, há um semi-círculo, gravado a uma profundidade de 0^m,015, com o diâmetro de 0^m,24. Não sei explicar a intenção com que elle foi feito na ara. Relacionar-se há com o culto de Trebaruna ou será, simplesmente, um dos muitos desenhos com que se ornamentavam as aras?

A inscrição está na parte da frente, nada havendo gravado nas outras faces do monumento, e é a seguinte:

T R E B A R O N
N E · V · S ·
O C O N V S
O C O N I S · F

TREBARONNE v(*otum*) s(*olvit*) Oconus, Oconis F(*ilius*). A sua tradução será pois: *Oconus, filho de Oco, cumpriu o voto a Trebarona.* Nas últimas duas linhas as palavras *Oconus* e *Oconis F.* estão



Fig. 2

escritas muito para a direita, dando a impressão que poderia haver mais letras do lado esquerdo.

Por este motivo julguei, a princípio, tratar-se do onomástico *Voconius* ou *Voconus*, que eu já conhecia pela inscrição publicada por Levy Maria Jordão, no seu livro *Portugaliae Inscriptiones Romanae*, p. 238, sob o n.º 551. Examinando, porém, com atenção a ara, na 3.ª linha, noto que antes de *Oconus* não há sinais de letra alguma, havendo apenas, na 4.ª linha, um traço em direcção oblíqua, da esquerda para a direita, precedendo *Oconis*, que julgo ter sido acidentalmente feito em virtude de qualquer pancada que a pedra

sofreu, não podendo nunca êsse traço parecer a primeira haste dum V, tanto mais que fica muito distante do nome para se poder ligar com êle.

Quando o D.^{or} Wickert viu a inscrição, em minha casa, ainda eu estava convencido de que o onomástico era *Voconius*, tendo também lido *Trebaronae*, leituras que abandonei, depois da experiência com o pó de carvão, tam concludente, e que lastimo não ter sido feita na presença do illustre epigrafista, por a êsse tempo não me ter ocorrido ainda essa idea.

*

No monumento de que estou tratando a grafia do nome da deusa é diferente da estudada pelo D.^{or} Leite de Vasconcelos na ara do Fundão.

Assim, enquanto na ara já conhecida se lê TREBARUNE, na minha está bem visível TREBARONNE.

Em ambas temos E por AE, o que é vulgar em epigrafia; mas, na que estudo, está O por U e, além disso, há dois NN no final da palavra.

Qual das duas grafias será a correcta ou a mais usada?

Até o aparecimento de novas aras fica esta pergunta sem resposta.

Não me surpreende esta diferença de escrita, pois que já na ara de *Arentio*, publicada por mim na *Terra da Beira*, n.º 1, está *Arantio*, e nas outras aras do mesmo deus, *Arentio*.

É de notar que ainda esta forma de escrever o nome da divindade se não aproxima de TREBORUNA, nome proposto por H. d'Arbois de Jubainville, derivado de TREBO, «casa», e RUNA, «segrêdo».

Em ambas as aras está escrito TREBA, o que o D.^{or} Leite de Vasconcelos explica por evolução natural da língua (*Religiões*, v, 2.º, p. 300).

É pois o monumento, que descrevo, muito notável e, por mais de uma vez, a seu pedido, o illustre epigrafista Wickert o examinou, com atenção e carinho, em minha casa, onde estava em estudo, antes de o oferecer, como tenciono, ao «Museu Francisco Tavares Proença Júnior», de Castelo Branco.

Vou escrever ao distinto professor berlinense, enviando-lhe fotografias e dando-lhe conta da minha experiência e leitura definitiva.

Deve vir mencionada, esta ara, no Suplemento ao *Corpus*, que o sábio epigrafista alemão anda preparando, como, de resto, lá figu-

rarão também as outras aras e inscrições, que ingressaram recentemente no Museu de Castelo Branco, e que estudei no jornal local *Terra da Beira*.

Antes da publicação, porém, do novo Suplemento do *Corpus*, quis dar conhecimento à Arqueologia Portuguesa desta inscrição, e, em especial, ao D.^{or} Leite de Vasconcelos, para que ele a pudesse inserir na revista que serve de órgão ao Museu Etnológico.

Castelo Branco, 9 de Setembro de 1931.

MANUEL DE PAIVA PESSOA.

Os Cónios

Autores gregos e latinos falam de um povo que em tempos pre-romanos, e muito remotamente, ocupou o Algarve, ao qual povo os mesmos autores dão varios nomes, entre eles os de Κυνήτες = *Cynetes*; Κυνήσιοι; e Κόνιοι = *Cinei* ou «Conios». Vid. as indicações literarias contidas nas *Religiões da Lusitania*, II, 8, 9, 57, 69, 72, e III, 114, 121, onde algumas das referidas formas onomasticas se discutiram.

A este povo pertencia a cidade de Κονιστοργις = *Conistorgis*, como diz Apiano: vid. *Religiões*, III, 114, 115, 171, ainda que Estrabão a atribue aos Celticos, dando porventura uma noticia referente a uma data posterior: cfr. Schulten, *Fontes Hispan. antiquae*, I, Avieno, p. 95. Κονιστοργις tem manifestamente como radical o de Κόνιοι; em apoio d'isto vem o haver na Iberia outra cidade, chamada *Amtorgis*, como Hübner já lembrou nos *Mon. Ling. Ibericae*, p. 230, B, quer o nome seja assim mesmo, quer deva corrigir-se em *Anistorgis* (*MLI*, p. 223, B): em todo o caso, com o sufixo ou terminação *-storgis* de *Conistorgis*.

Talvez que com Κόνιοι se relacione tambem, quanto ao radical, *Conimbriga*, como Schulten lembra nos *Fontes Hisp. antiquae*, já cit., p. 94, e em *Die Keltiberer*, pp. 60-61; mas podemos tomar antes por base a fórma anterior, isto é, *Contumbriga* (*Religiões*, II, 185). Ao *oppidum* assim chamado corresponde hoje, como bem se sabe, Condeixa-a-Velha, ainda que ao nome corresponde *Cotimbra*, que o é de uma cidade vizinha. Em verdade a distancia d'aqui ao Algarve era grande, mas em todos os tempos houve deslocamentos de povos; e na propria Lusitania encontramos, por exemplo, *Celtici* no Sul e